

# Repensar o poético no contexto escolar

ANA SIRO

# m

uito tempo e muitos escritores ampliando os horizontes do poético com suas ideias e seus textos. O que, desse amplo percurso, pode ser considerado a partir do contexto escolar? Tentarei reunir algumas das ideias que vão ampliando os horizontes do poético e delinear algumas tentativas para manter vivo — para os alunos — o sentido que esse discurso social parece ter para muitas pessoas.

## A NATUREZA DO POÉTICO

Autores de diversas épocas e partes do mundo concordam em salientar que a poesia é um olhar diferente sobre o mundo. Um relato de Laura Devetach sintetiza melhor essa ideia do que uma explicação:

*Quando eu era pequena, a menina me disse enquanto se coçava: “Tenho passarinhos no pescoço” e nunca ninguém conseguiu elaborar uma síntese tão precisa de uma sensação. Eu a entendi, porque “ter passarinhos no pescoço” não é o mesmo que “está pinicando”. E se aquele que escuta considera esse amplo caminho aberto por uma criança, vai saber onde pode chegar! Outro dia ela me disse: “Você tem caramelos nos olhos”. Glup!, fiz eu, porque nenhum espelho, nenhum juiz, me devolveu um olhar dessa maneira. Somente os poetas [...]. O que aconteceria num mundo onde essa maneira de olhar fosse praticada como forma de vida cotidiana? (Devetach, 1991, p. 74)*

Juan Gelman (2004) diz que a poesia está repleta de mundo porque o poeta é alguém atento à realidade, à sociedade, à literatura. Um mundo carregado de coisas que entram na subjetividade do poeta como na de qualquer pessoa, só que no poeta criam um estado especial, uma obsessão por buscar resposta para as perguntas que essas realidades geram nele.

Em uma oficina compartilhada há vários anos, Iris Rivera (1999) comenta:

*Eu percebi que tenho um olhar (como todo mundo, só que eu percebi). Vocês viram que tem gente que passa o olhar como se estivesse passando um marca-texto? Uma coisa assim como se o mundo fosse chato e o marca-texto ressaltasse isso por onde passa. O resto fica como fundo. Um jogo de figura-fundo. Dependendo de quem for o olhar, coisas diferentes são ressaltadas. O que para Juan é figura, para Pedro é fundo e vice-versa. Na verdade, tudo é potencialmente figura e potencialmente fundo. Por isso um olhar não exclui o outro e todos os olhares são complementares. Quando um poeta vê o que você não viu, isso te fascina. E te fascina quando você percebe que estava ali, quando consegues ver o que ele viu. Quando o olhar passa o marca-texto surge um quadro com sentido. Não é uma figura qualquer. Tem sentido: a própria pessoa dá esse sentido. Quando algumas coisas são destacadas ao mesmo tempo, o olhar sente que encontrou um sentido. Se o sentido é tão forte que vai além do olhar, isso se transforma em uma pintura ou em uma melodia ou em uma pintura com melodia, que vem a ser algo assim como um poema.*

Além de ser um olhar diferente, a poesia é um olhar indispensável sobre o mundo. Vamos retomar outra ideia de Gelman publicada em uma contracapa do jornal *Página 12*:

*[...] a poesia se defende sozinha. Corre como um rio que ninguém pode interromper desde a profundidade dos séculos. Um dos primeiros poemas da tradição oral chinesa, que passou para a escrita há trinta e cinco séculos, fala de um pastor que sob a fria madrugada cuida de seu rebanho e, a muitos quilômetros longe da mulher amada, pensa nela e a imagina junto ao fogo costurando: “Ele escuta o som de suas tesouras sob a noite profunda”, diz o último verso, que ainda me faz estremecer. Como este poema de um grego anônimo de quase mais de dois mil anos:*

*“Te envio un perfume suavísimo  
y le hago un regalo al perfume  
no a ti,  
que lo puedes perfumar”.<sup>1</sup>*

Parece que a única coisa que une a humanidade através da história é a beleza. O nacionalismo, as guerras, a riqueza e a pobreza, as religiões, o racismo, a opressão separam os seres humanos. Mas todos podem compartilhar a beleza de um poema de qualquer autor, independentemente de sua nacionalidade, língua ou religião. Em um mundo cada vez mais dividido, atomizado e cinza, mercantil e consumista, a beleza é um escândalo.

Mas a poesia também é um alerta da linguagem sobre si mesma. Com a poesia o leitor faz algo mais do que olhar através da linguagem. Ele começa a “olhar” a linguagem em si, a linguagem já não é tão transparente como uma lente através da qual chegar ao significado de coisas diversas. A linguagem se torna opaca e se faz notar. E se faz notar, por exemplo, por meio do ritmo:

1. Envio-lhe um perfume muito suave/  
e dou um presente para o perfume/ não a você/ que pode perfumá-lo.

*Na poesia não há trompetes, nem piano, nem cordas, nem percussão. No entanto, as palavras podem se combinar para enfatizar o som que produzem. Poderíamos chamar isso de qualidade física das palavras. “Dormir” significa descansar e não ter consciência, e normalmente esse é o seu significado, mas também tem uma natureza física — os sons DOR e MIR, por exemplo — que podemos tornar evidentes para o leitor, como os sons escondidos dentro de um tambor que surgem quando alguém bate nele com uma baqueta. Quando alguém escuta tanto o som como o significado — coisa que não acontece quando se lê, digamos, “Vamos dormir”, mas que quase certamente acontecerá ao ler “Dormir, talvez sonhar” (Shakespeare) —, então está escutando outra linguagem na qual o som produz uma música que, por sua vez, faz parte do significado daquilo que se diz (Koch).*

Um mestre do ritmo em poesia foi o poeta cubano Nicolás Guillén, de cuja poesia Rafael Alberti dizia que tinha: “ritmo de cintura”.

A poesia também é um jogo de inversão sobre o sentido das palavras, com a sonoridade das próprias palavras, é um jogo com o absurdo e com o humor (como as *Greguerías*<sup>2</sup> de Ramón Gómez de la Serna e os *limeriques*<sup>3</sup> de María Elena Walsh podem confirmar). É possível contar uma história de maneira poética; e as histórias de amor espanholas nos deixaram esse legado. É possível formular perguntas de maneira poética, e Neruda, José Sebastián Tallón e Jairo Aníbal Niño são inegáveis expoentes latino-americanos. Um objeto pode ser descrito de maneira poética (desde León Felipe até Atahualpa Yupanqui e Laura Devetach). A poesia pode expressar sentimentos. A poesia pode destacar movimentos, sensações, imagens, fazendo com que nossos sentidos vibrem. A poesia é a tradição oral contida em canções de ninar, trava-línguas, repetições, frases espirituosas, cúmulos, quadras e adivinhas. A poesia é o jogo contemporâneo cada vez mais audaz entre palavras e imagens belas e harmoniosas.

Inúmeras dimensões para expressar o mundo de maneiras diferentes, de modos indispensáveis. Quantas dessas dimensões têm lugar em nossas vidas? Quais dessas dimensões tiveram lugar na escola? Talvez poucas, bem poucas. Talvez as mais suscetíveis de controle. A poesia na escola é um horizonte que precisa ser expandido ou ficará reduzida à rima, ou a uma forma diferente de ser distribuída no espaço da folha em branco — se comparada com a prosa ou o teatro —, ou à sua faceta mais sentimental e menos existencial.

## A DIFERENÇA ENTRE REFLETIR E EXPLICAR

Um jovem da Casa da Infância de Bahía Blanca, que trabalhava em oficinas com Mirta Colángelo, escreveu num grafite: “No céu nos leem poesia, no inferno a explicam”. Essa síntese poética nos faz pensar sobre os cuidados que devemos ter para a expansão de horizontes da poesia no contexto escolar. Vamos explorar possíveis maneiras de garantir a reflexão “sobre” e “com” os leitores que supõem ir além da declaração de explicações únicas, que fecham o sentido mais

2. Textos curtos com interpretações ou comentários criativos e humorísticos sobre aspectos da vida cotidiana. (N. de T.)

3. *Limerique* é um poema curto e bem-humorado, com rimas entre o primeiro, o segundo e o quinto versos e entre o terceiro e o quarto, normalmente mais curtos. (N. de T.)

do que o abrem. A ideia é dedicar espaços para que cada um redescubra que possui “marca-textos” internos para destacar o mundo, como nos mostra Iris Rivera. Dar e recuperar o sentido poético da existência também a partir da vida escolar.

Um espaço inegável — por sua fertilidade — é a mesa de livros de poesia, ou mesas de poesia de autor, ou de poesias que abordam uma temática específica. Recursos que supõem muitos leitores ao redor de uma mesa, algum tempo compartilhado de intimidade com um livro, e um mediador generoso que auxilia na busca ou chama a atenção para um verso ou uma preferência pessoal. Algumas vezes, esses intercâmbios entre leitores e poemas fazem surgir uma reflexão coletiva que cria condições para que cada um possa retomar várias vezes o valor metafórico da linguagem poética. Um grupo de alunos de seis anos que cursava o primeiro ano do Ensino Fundamental<sup>4</sup> conversa com seu professor a respeito de um fragmento de um poema de Laura Devetach<sup>5</sup> sobre as formigas:

*Con el lápiz de las patas  
con su pétalo  
su mástil  
las hormigas hacen mapas.  
Viene el viento  
se los barre.  
Viene el agua  
se los borra [...] <sup>6</sup>*

[...] Daiana: *Com as patas, porque se há duas formigas elas colocam as duas patas e fazem algo assim como um mapa.*

Vários alunos: *Sim, ela vai desenhando, vai fazendo-os na terra.*

Professor: *Enquanto caminham, vocês estão dizendo...*

Vários alunos: *Sim, ela vai formando os mapas quando vão trabalhar...*

Outro aluno: *As formigas por ali caminham em terra molhada e depois passam por uma folhinha, elas não percebem e o mapa se forma [...].*

Essas reflexões iniciais mostram claramente que quando se fala de mapas no poema se indica uma maneira diferente de usar a linguagem. Para as crianças que participam do intercâmbio está claro que se trata de algo imaginário e que o verso não se refere a um mapa real.

A escrita também pode ser, desde muito cedo, uma fonte de reflexão sobre as qualidades poéticas da linguagem. Outro grupo de crianças de seis anos — que cursava o primeiro ano do Ensino Fundamental<sup>7</sup> — conversa com seu professor a respeito da elaboração de adivinhas. Trata-se de um tipo de poesia que supõe dar pistas que orientem o suficiente, mas nem tanto, para não revelar o mistério que, ao mesmo tempo, escondem. As crianças pensam sobre duas possíveis respostas para uma adivinha criada por elas:

4. Os alunos frequentam a Escola Modelo Albert Einstein. Laferrére. Partido de La Matanza. Província de Buenos Aires.

5. *La hormiga que canta*, 2004.

6. Com o lápis das patas/ com sua folha/ sua haste/ as formigas criam mapas/ Vem o vento/ e os varre./ Vem a água/ e os apaga [...]

7. Os alunos frequentam a Escola N° 9 — DE 18ª da Cidade Autônoma de Buenos Aires.

[...] Professor: *Vocês se lembram que pensamos esta adivinha de duas maneiras: a primeira, “Pequenino como um rato, cuida da casa como um leão”, e a segunda, “Pequenina como um rato, cuida da casa como um leão”. Independentemente de qual fosse a adivinha, a resposta era “o cadeado” ou “a chave”. Qual das duas vocês acham mais adequada para compartilhar com suas famílias?*

Matias: *É melhor “o cadeado” porque “a chave” pode cair e o cadeado — além disso — cuida dela (referindo-se à casa) porque tem mais força.*

Nêstor: *É melhor “o cadeado” porque abre o gancho assim (referindo-se à abertura do cadeado por um de seus extremos) como se fosse a boca do leão.*

Outro aluno: *E você o abre com a chave, afinal [...].*

Durante o ajuste das respostas para as adivinhas — em função das pistas elaboradas —, os alunos podem “insistir” sobre as qualidades físicas dos objetos da vida cotidiana. Essa insistência cria as condições para que comecem a usar olhares alternativos sobre esses mesmos objetos, vistos a partir de um ponto de vista poético.

Com alunos de nove a onze anos a transcrição de músicas pode ser outra fonte de reflexão sobre a poética da linguagem. Algumas vezes não temos a letra de uma música que se escuta interpretar. Ao escutar, nem sempre é possível recuperar com precisão todas as palavras. É interessante, então, fazer com que os alunos encarem o desafio de reconstruir o sentido de uma palavra ou expressão confusa em função do significado geral da música ou da estrofe que contém o fragmento em questão. Um momento — durante uma aula — ilustra essa situação em um segundo ciclo de uma escola rural:<sup>8</sup>

[...] Professor: *Eu não entendo bem como ficou uma das estrofes de “Un bichito con linterna”<sup>9</sup> (Um bichinho com lanterna).*

*Como el faro intermitente  
/que anda un/barco entre las aguas  
vos titilás en las noches  
/y ando/el sueño de las guaguas.*

Criança 3: *Minha mãe diz que “guaguas” (nanas) se diz aos bebês.*

Professor: *Muito bem, mas como é /e ando o sono das nanas/?*

Criança 4: *Para mim é que o vaga-lume os ilumina.*

Criança 5: *O farol intermitente é como as metáforas.*

Professor: *Não exatamente. Quando os poetas usam uma expressão bonita para se referir a algo, mas dizem “como... tal coisa” é uma comparação. Aqui o autor compara o vaga-lume com um farol intermitente. Então como era a questão de /e ando o sono das nanas/?*

Criança 4: *Claro, o bichinho de luz /vai guiando o sono das nanas/.*

Criança 5: *Então também /vai guiando o barco entre as águas/. Agora, sim, dá para entender [...].*

8. Os alunos frequentam a Escuela Rural Nº 108 “Juan Martín de Pueyrredón” da localidade de Ignacio Correas, Grande La Plata, Província de Buenos Aires.

9. A estrofe original diz: *Como el faro intermitente / guiando el barco entre las aguas / vos titilás en las noches / guiando el sueño de las guaguas (Como o farol intermitente / guiando o barco entre as águas / cintilanas noites / guiando o sono das nanas). Essa estrofe corresponde à canção “Un bichito con linterna”, composta por E. Inchausti do grupo folclórico argentino Los Arroyeños.*

A informação trazida pelo professor sobre as relações entre metáfora e comparação contribui para que os alunos reconstruam aspectos confusos de suas próprias transcrições.

Ler em voz alta ou murmurar poemas diante de uma audiência também promove situações de reflexão. Ensaïar um poema em voz alta porque faz parte de um espetáculo — destinado a companheiros de outros anos ou segmentos da escola — possibilita aos alunos retomarem os textos várias vezes. A ideia é propor aos alunos a antecipação de variações possíveis, efeitos que poderiam produzir palavras precisas num tom específico para emocionar, surpreender, criar suspense, fazer rir. Aos leitores que leem em voz alta, cria-se uma oportunidade especial para ajustar e se deixar surpreender pela distância — às vezes inexplicável — entre as previsões e as reações da audiência.

As situações de escrita poética individual também representam possibilidades reflexivas que unem a leitura e a escrita. Os jovens manifestam a necessidade de espaços de reflexão sobre a própria palavra. Para que essa reflexão aconteça é preciso deixar o cotidiano um pouco de lado de forma que seja possível situar de uma maneira diferente o próprio corpo, as ideias, as emoções em um tempo e um espaço que pode acontecer no contexto escolar sob certas condições. Escrita poética é muito mais do que pequenos momentos de aplicação de recursos poéticos aprendidos. Significa empreender um caminho de estranhamento desde a palavra de todos os dias até o mistério. Luis — a quem chamam de El Bichy — está concorrendo a uma escola pública de adultos, tem dezoito anos e comenta:<sup>10</sup>

*Muitas vezes eu não quero dizer o que escrevo. Eu penso uma coisa e depois na folha aparece outra e isso me irrita muito. Muito! Não sei como isso acontece. Como isso pode acontecer! Então, eu agora sou dois autores: O Bichy e o outro, aquele que escreve o que eu não penso, mas que aparece do mesmo jeito na folha.*

## PARA CONTINUAR PENSANDO...

Laura Devetach nos recomenda “estar em poesia” como uma maneira de situar o próprio olhar sobre o mundo interno e externo, sobre a existência. A partir do contexto escolar, seria interessante começar por desnaturalizar as práticas escolares sobre a poesia. Criar novos espaços poéticos começando a ler de outra maneira, de acordo com as sugestões de Ray Bradbury:

*Leia poesia todos os dias. A poesia é boa porque exercita músculos que são pouco usados. Expande os sentidos e os mantém em ótimas condições. Conserva a consciência do nariz, do olho, da orelha, da língua e da mão. E, sobretudo, a poesia é metáfora ou comparação condensada. Como as flores de papel japonesas, às vezes as metáforas se abrem para formas gigantescas. Nos livros de poesia existem ideias por todos os lados [...]. Qual poesia? Qualquer uma que arrepie o pelo dos braços. Não se esforce muito. Tenha calma. Com os anos você pode*

10. Esse testemunho faz parte do livro (no prelo) *Puentes en el viento. Jóvenes, artes, escuela y comunidad* de Ana Siro, Martín Broide, Priscila Migale, Javier Maidana, Alejandro Gómez Ferrero e María Fernanda Castro Rojas.

alcançar T. S. Eliot, caminhar ao seu lado e, inclusive, ir à frente dele em seu caminho na direção de outros alimentos espirituais. Você diz que não entende Dylan Thomas? Bom, mas seu gânglio, sim, o entende e todos os seus filhos não nascidos. Leia-o com os olhos, como poderia ler a um cavalo livre que galopa por um prado verde e interminável em um dia de vento. (Bradbury, 1995, p. 38)

Cada uma das situações mencionadas no item anterior supõe o cuidado com as condições específicas de ensino, cujo detalhe excede os limites deste trabalho. O propósito destas linhas é ressaltar duas questões vinculadas: a possibilidade poética não é privilégio de poucos, é uma possibilidade humana ao alcance de todos. O que necessitamos são condições pensadas, preservadas e mantidas no tempo para que todos os alunos de todas as escolas tenham um genuíno e reflexivo acesso à palavra dos poetas, da herança da cultura escrita e à própria palavra. Algumas dessas condições estão refletidas neste escrito entre as linhas das situações comentadas. Outras ficam pendentes para novos desenvolvimentos. Como acontecia a essa anciã sobre a qual comenta um poeta:

Conheci uma velhinha que tecia colchas e colchas com pilhas de flores coloridas. Quando chegava quase no final, deixava um longo fio e as guardava. “Por quê?”, perguntávamos. Ela ria. “Porque quero deixar coisas por fazer”, ela dizia. E continuava rindo. (Devetach, 2008, p. 59)

Deixar fios soltos, lacunas, fendas, inevitáveis falhas no escrito faz entrecerrar os olhos, aguça o olhar e o ouvido para continuar pensando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRADBURY, Ray. *Zen en el arte de escribir*. Barcelona: Minotauro, 1995.
- COLÁNGELO, Mirta. En el cielo te leen poesía en el infierno te la explican. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LECTURA, VI, Buenos Aires: 29ª Feria Internacional del Libro de Buenos Aires, 2003.
- DEVETACH, Laura. *Oficio de palabrera*. Literatura para chicos y vida cotidiana. Buenos Aires: Colihue, 1991.
- \_\_\_\_\_. *La construcción del camino lector*. Córdoba: Comunicarte, 2008.
- \_\_\_\_\_; LIMA, Juan. *La hormiga que canta*. Buenos Aires: Ediciones del Eclipse, 2004.
- GELMAN, Juan. La poética vital. Entrevista realizada por Julio Algañaraz. *Revista de Cultura Ñ*, Buenos Aires, Enero 2004.
- \_\_\_\_\_. Escándalos. *Página 12*, Buenos Aires.
- KOCH, Kenneth. El ABC de la poesía. In: *Diario de Poesía*. Buenos Aires.
- RIVERA, Íris. *El resaltador*. Buenos Aires, 1999. Inédito.